

Erick Felinto

Universidade do Estado do
Rio de Janeiro

Email:

erickfelinto@gmail.com



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

“Me parecer verdadeiro pelo contexto” Olavo de Carvalho, Conspiracionismo e a Desinformação como Programa político

*“It looks legit to me context-wise”
Olavo de Carvalho, Conspiratism and Disinformation
as Political Program*

*“Me parece verdadeiro por el contexto”
Olavo de Carvalho, Conspiracionismo y
desinformación como programa político*

Felinto, E. “Me parecer verdadeiro pelo contexto” Olavo de
Carvalho, Conspiracionismo e a Desinformação como
Programa político. *Revista Eco-Pós*, 26(01), 12 – 30.
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28143>

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

RESUMO

Olavo de Carvalho foi um ator fundamental no contexto da ascensão da chamada nova direita no Brasil. Importante formador de opinião, suas ideias eram consumidas e disseminadas por um vasto público de inclinação conservadora. Carvalho foi também um dos maiores agentes de impulsionamento de desinformação e de fake news nos anos que antecederam a eleição presidencial de Jair Bolsonaro. Este trabalho visa investigar as principais estratégias do filósofo na difusão de informações falsas baseadas em uma visão conspiratória da realidade e no combate às instituições tradicionais de produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Olavo de Carvalho; Desinformação; Teorias Conspiratórias; Negacionismo Científico.*

ABSTRACT

Olavo de Carvalho was an important social actor in the context of the rise of the so-called new right in Brazil. As a prominent opinion maker, Carvalho's ideas were consumed and distributed by a vast public of conservative leanings. He was also instrumental as an agent of misinformation and dissemination of fake news in the years preceding Jair Bolsonaro's presidential election. This work aims to investigate the philosopher's main strategies for the spread of false information based on a conspiratorial view of reality and opposition to the traditional institutions of knowledge production.

KEYWORDS: *Olavo de Carvalho; Misinformation; Conspiracy Theories; Scientific Negationism.*

RESUMEN

Olavo de Carvalho fue un importante actor social en el contexto del ascenso de la llamada nueva derecha en Brasil. Como prominente formador de opinión, sus ideas eran consumidas y diseminadas por un vasto público con inclinaciones conservadoras. Carvalho fue también uno de los más grandes agentes de impulsión de desinformación y fake news en los años que antecederán la elección presidencial de Jair Bolsonaro. Este trabajo tiene por objetivo investigar las principales estrategias del filósofo para la difusión de informaciones falsas basadas en una visión conspirativa de la realidad y en el combate a las instituciones tradicionales de producción de conocimiento.

PALABRAS CLAVE: *Olavo de Carvalho; Desinformación; Teorias Conspirativas; Negacionismo Científico.*

Submetido em 02 de março de 2023

Dossiê **Crises da democracia e desinformação: diagnósticos do tempo presente**

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 1, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i01.28143

Aceito em 21 de junho de 2023

Desde pelo menos 2016, quando o termo “pós-verdade” (*post-truth*) foi incorporado ao léxico do *Oxford English Dictionary* (Cf. FULLER, 2018, p. 1), a problemática das chamadas *fake news* e da desinformação no horizonte das sociedades tecnologizadas, veio ocupar lugar de destaque nos estudos de comunicação, ciência política, antropologia e filosofia, entre outras disciplinas. Não cessa de aumentar a quantidade de trabalhos produzidos sobre o tema, cuja prominência se deu quase que em paralelo à ascensão da extrema direita em nível global. No contexto brasileiro, o grande “boom” dos estudos sobre *fake news* aconteceu na época da eleição de Jair Bolsonaro, envolvida em polêmicas como a da famosa “mamadeira de piroca”¹. A desinformação sistemática como estratégia de campanha e governança passou a fazer parte do arsenal de ferramentas publicitárias da política na cultura digital. Graças à popularização dos ambientes digitais e das redes sociais, a pós-verdade encontrou ambiente favorável para prosperar. De fato, em sua leitura cibernética da questão da verdade e da política na era digital, Letícia Cesarino atribui aos processos de plataformação boa parte da responsabilidade pela fácil difusão das *fake news* na contemporaneidade. Mencionando técnicas históricas de influência, como o mesmerismo, a guerra psicológica e a hipnose (tema ao qual retornarei adiante), Cesarino afirma que “uma vez que o fluxo de consciência dos usuários é externalizado para esse aparato cibernético, ele é disponibilizado para captura não apenas pela economia de dados, mas por outros usuários que entendem como esse ambiente opera e buscam introduzir, nele, vieses que lhes sejam favoráveis” (2022, p. 210). Ciclos de retroalimentação cibernéticos são estabelecidos, assim, entre os usuários dos aparatos, enquanto os que compreendem seu funcionamento gerenciam os fluxos de informação (e desinformação). O objetivo deste trabalho é precisamente investigar as estratégias de construção e

¹ A respeito dessa e de outras célebres *fake news* do período, ver Felinto & Grusin (2022).

propagação de *fake news* de um desses “usuários” especialistas, ator fundamental da cena política brasileira nos anos que antecederam a eleição de Bolsonaro.

Morto em 2022, o ex-astrólogo e “influenciador digital” Olavo de Carvalho foi um importante protagonista do avanço das agendas de extrema direita no país desde pelo menos meados a década de 1980. Com a popularização das redes sociais e plataformas digitais, Carvalho viu sua influência crescer astronomicamente, amparada por uma utilização estratégica de ferramentas como seu canal no Youtube, com mais de 1 milhão de inscritos, ou seu curso online de filosofia (COF), pelo qual teriam passado mais de 12.000 pessoas em 2019². Responsável inclusive pela indicação de ministros do governo Bolsonaro, como Ricardo Vélez e Abraham Weintraub, Carvalho ajudou a moldar um imaginário conservador assentado na defesa dos valores da família, da religião e do patriotismo que iria tomar corpo no slogan bolsonarista “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo”. Acossado por pânicos morais da decadência dos costumes e alimentado por anseios de retorno a um passado mitificado (o período da ditadura militar), esse imaginário busca garantir a constituição de uma zona de segurança aos indivíduos atormentados pela complexidade e incertezas de um mundo em constante e rápida mutação. Se o futuro se apresenta sempre como incerto e perigoso, o passado surge como horizonte idealizado no qual se deve buscar resguardo. Não se trata, evidentemente, de um passado factual impossível, mas daquele único ao qual temos acesso por via de uma memória alimentada pela imaginação. Como afirma Ethan Kleinberg, com alguma dose de poesia: “a ficção de um passado estável é a ficção de um presente estável” (2022, p. 26). A situação que vivemos hoje é de uma radical proliferação de narrativas e crises epistêmicas, de um amplo questionamento das instâncias tradicionais da autoridade – o que marca, aliás, um dos muitos paradoxos desta situação: não se trata de resguardar a tradição ou de reencontrar o passado enquanto tal, pois sabemos, hoje, que existem diferentes tradições e passados. No caso de Olavo de Carvalho, como de outros importantes atores da nova direita global, pode-

² Ver Burgierman (2019).

se, inclusive, identificar um sentido muito particular do termo “Tradição”, estudado por autores como Benjamin Teitelbaum (2020) e Stéphane François (2021)³, e que envolve uma revolta visceral contra o mundo moderno e suas instituições liberais, assentada em crenças esotéricas e teorias conspiracionistas. Na defesa dessa ideologia, a história, o conhecimento e a crença se tornam instrumentos estratégicos de uma guerra informacional buscando a captura de imaginários.

Com suas plataformas online, Olavo de Carvalho construiu um verdadeiro aparato de guerrilha semiológica, responsável pela incansável difusão de *fake news* visando ao reforço das convicções ideológicas da nova direita. Muitas dessas “informações” repercutiram fortemente nos ecossistemas digitais e até mesmo nas mídias analógicas, como aconteceu com o episódio em que Carvalho acusava a Pepsi de utilizar fetos abortados em sua fórmula. No vídeo intitulado “Rock, Beatles e Satanismo”, postado em seu canal do Youtube em dezembro de 2019, Carvalho sugere que Woodstock, o êxito do rock e a difusão do LSD devem-se, em última instância, à ação da Escola de Frankfurt⁴. De fato, segundo ele, “toda a “música drogada que se espalhou pelo mundo desde a década de sessenta” é responsabilidade de Adorno, Horkheimer e companhia. O que fundamenta essa tese exótica? Não se encontram aqui pesquisas ou referências acadêmicas, já que o sistema científico-universitário não é confiável, dada sua contaminação pelos ideogramas comunistas e seu projeto de destruir os valores tradicionais. Surge, então, a figura de um *outsider*, de um obscuro “repórter holandês” que, entre outras “inúmeras informações úteis”, oferece uma que “parece verdadeira pelo contexto”. Os Beatles seriam completamente analfabetos em música, e quem, de fato, compôs suas canções foi o filósofo

³ O “Tradicionalismo” ou a “Tradição” consiste em um movimento esotérico e espiritualista inaugurado pelo francês René Guénon (1886-1951) e depois esposado por pensadores como o italiano Julius Evola (1898-1974) e o suíço Frithjof Schuon (1907-1998). Buscava combater a decadência do mundo moderno, que, para os tradicionalistas, havia mergulhado no materialismo e na perda dos valores espirituais representados pelas grandes tradições religiosas da humanidade. Para uma história do tradicionalismo e suas conexões com o pensamento político reacionário, ver SEDGWICK (2004).

⁴ Pequenos trechos dos próximos parágrafos são versões reformuladas e ampliadas de argumentos que utilizei anteriormente no artigo “Olavo tem Razão” (2022).

alemão Theodor Adorno. Carvalho alega que não consultou o livro diretamente, pois não “sabe ler holandês”, mas tomou conhecimento dele por meio de “menções feitas em outros livros”. Não importa, de fato, saber que livros são esses, já que o fundamental aqui é a autoridade do emissor da mensagem, considerado de alta confiabilidade por seu público. Por outro lado, a incerteza das fontes, traço característico dos “fatos alternativos”, também colabora para criar certa aura de mistério da revelação, ao mesmo tempo que dificulta a constatação de sua possível veracidade ou falsidade. Surpreende, contudo, que um habilidoso usuário das plataformas digitais como Carvalho pareça não ser capaz de utilizar ferramentas simples como o Google para encontrar e ter acesso direto ao tal livro em formato epub, traduzido em inglês e em várias outras línguas. Em *The 13 Satanic Bloodlines: Paving the Road to Hell*, Robin de Ruyter afirma:

O fenômeno Beatles foi cuidadosamente planejado pelos Iluminati para difundir um elemento extremamente destrutivo entre as massas globais: a possibilidade de mudar uma pessoa contra a sua vontade [...] na época, os Beatles não podiam sequer ler uma única nota, apenas tocar guitarra. Theodor Adorno escreveu suas letras e músicas, o que foi mantido em segredo do resto do mundo [...] Adorno foi também codiretor do “Projeto sobre a Personalidade Autoritária”, que intencionalmente planejou a contracultura de drogas, rock e sexo da geração “baby boomer” [...] poucas pessoas sabem que os Beatles foram parte de um experimento de massa esboçado pelo Instituto Tavistock para as Relações Humanas em Londres (2018, p. 121).

Como sugerem Fernanda Bruno e Tatiana Roque (2019), a hipótese de que a audiência das *fake news* sucumbe inteiramente – de modo ingênuo e monolítico – aos seus postulados, é excessivamente simplista. Mesmo os que duvidam da veracidade de uma informação podem replicá-la nas redes pelo simples de fato de confirmar seu viés ideológico, participando assim do sistema cibernético de circulação das notícias falsas. O que parece estar no fundo desses fenômenos é, antes, uma *dissolução do próprio mundo da confiança*. Ela estaria “sendo minada nas redes sociais, com novas crenças e novos valores que contestam o método científico e desafiam consensos há tempos estabelecidos” (2019, p. 17). Nesse sentido, talvez fosse possível dizer que Olavo de Carvalho e seus discípulos

conservadores estariam adotando uma postura essencialmente “pós-moderna”, na qual as ideias mesmas de verdade e falsidade teriam sofrido corrosão irreversível. Porém, também essa tese é simplista demais. O que provavelmente ocorre é que a visão de mundo dos conservadores segue assentada na crença *metafísica* (ou no desejo da crença) em uma verdade única e objetiva, ao passo que sua *atitude pragmática* em um mundo de múltiplos valores e conflitos narrativos é selecionar as “verdades” que lhes pareçam mais convenientes. Olavo de Carvalho complexifica essa situação ao mesclar estrategicamente referências bibliográficas contendo pesquisa séria e qualificação acadêmica com literatura sensacionalista de fundo especulativo. É desse modo que o “filósofo” Carvalho não se envergonha, por exemplo, de lançar mão, de forma completamente esdrúxula, do conceito frankfurtiano de dialética negativa: “eles são a favor da indústria da música? Não, eles falam horrores dela e, ao mesmo tempo, trabalham para ela. Que que é isso aí? Dialética negativa”. Sem se dar ao trabalho de explicar ao espectador em que consiste exatamente a dialética negativa, Carvalho nos oferece uma visão bastarda do conceito. Para Adorno, no caso específico da música, tratava-se de atribuir valor à dissonância e à descontinuidade formal, que, refletindo antagonismos sociais, “poderiam funcionar como protesto progressista em comparação com as harmonias conciliatórias tradicionais e formas holísticas que serviam apenas para velar esses antagonismos” (BUCK-MORSS, 1977, p. 39). Dificilmente a música dos Beatles poderia ter esse tipo de apelo para Adorno. Além disso, a dialética negativa implicava uma radical *inconformidade intelectual*, de modo que os heróis intelectuais de Adorno eram fundamentalmente “outsiders” (ibid., p. 84) e não figuras do mundo olímpico da indústria cultural.

É claro que, em seus trabalhos filosóficos, Olavo de Carvalho critica a ideia de que a verdade possa ter uma base pragmática. Nem relativa, nem pragmática, nem histórica ou culturalmente condicionada, a verdade é o “fundamento cognitivo permanente e universal dos juízos” (2021, p. 47). Entretanto, não deixa de ser curioso como alguém tão preocupado com o estatuto metafísico da verdade pudesse se esquivar continuamente de oferecer

provas consistentes de suas afirmações mais enfáticas ou ousar questionar os fundamentos da ciência sem ter qualquer formação específica no campo. Em outro vídeo do Youtube⁵, Carvalho afirma, por exemplo, que basta observar as discussões dos grandes cientistas para perceber que “ainda ali você vê uma profunda falta do senso da verdade”. Exemplo seria o fato de Einstein ter dito que “a coisa mais veloz que existe é a luz”, ao passo que “todo mundo sabe” que Nikola Tesla “inventou” uma partícula mais veloz que luz. Mas a quem se refere esse “todo mundo”? Como seria possível que Tesla conseguisse “inventar” uma “partícula”⁶? De onde vêm essas informações?

É verdade que um dos mitos mais persistentes sobre a lendária figura de Tesla fantasia a invenção de um raio mortal de partículas, a exemplo de um poderosíssimo laser. Todavia, a literatura científica contemporânea nega que exista “boa evidência para sugerir que Tesla tenha antecipado os lasers” (CHENEY, 1993, p. 289). Do mesmo modo, a crença do inventor em nêutrons mais rápidos que a luz (e que ele certamente seria incapaz de “inventar”) se mostra, hoje, como radicalmente equivocada. Em um ponto, porém, Carvalho parece ter acertado involuntariamente: “o mundo científico é mais confuso que o mundo da política”, afirma ele no mesmo vídeo. De fato, são precisamente essa “confusão” e complexidade da ciência no mundo contemporâneo que tornam o público leigo suscetível a explicações fantasiosas e simplificadoras. Quando aceitamos como factual a afirmativa de um especialista sobre um complexo tema científico, é porque reconhecemos nossa incapacidade de penetrar nesse obscuro domínio do saber e atribuímos aos cientistas a responsabilidade de nos manter informados. Mas esse é um mecanismo de crença que pode ser projetado sobre qualquer figura de autoridade – nesse caso, a erudição sem limites do filósofo da Internet. A “ciência” de Olavo de Carvalho é, contudo, irresponsavelmente feita

⁵ <<https://www.youtube.com/watch?v=16qd2lvhjSI>> Acesso em 10 jun 2023.

⁶ Nikola Tesla (1856-1943), inventor sérvio que viveu a maior parte de sua vida nos Estados Unidos e conhecido por seus trabalhos na engenharia mecânica e na eletrotécnica, é um dos personagens favoritos das narrativas míticas sobre ciência alternativa, conspirações governamentais e interferências alienígenas no planeta.

de afirmativas genéricas vagas, sem verificação por pares, sem experimentação científica, sem respaldo da comunidade dos investigadores. As fontes que cita em seu apoio são escolhidas a dedo, por meio de um viés de confirmação que exclui a possibilidade do contraditório ou qualquer percepção alternativa. Tudo é convocado de modo a confirmar certas teorias da conspiração, das quais até mesmo a ciência e as universidades, provavelmente, fazem parte.

Por exemplo, para Ruyter – o jornalista que Carvalho crê oferecer “inúmeras informações úteis” –, a existência de uma “conspiração mundial” é algo que já não pode ser negado (ainda que ele não ofereça nenhuma prova concreta disso, além de especulações e ilações). Tal conspiração atravessaria, na verdade, os séculos, remetendo à irmandade dos Illuminati, fundada oficialmente na Espanha, em 1530. Segundo Ruyter, a irmandade baseara seus objetivos na célebre “Carta de Constantinopla de 22 de dezembro de 1489, na qual se fazem planos para conquistar a liderança do mundo” (2018, p. 41). A visão conspiracionista, que enxerga a história como um processo capaz de ser dirigido, em seus mínimos desdobramentos, pela agência humana, compõe uma das fontes mais danosas de informações falsas. Teorias do complô constituem construtos imaginários perfeitos para se observar as imbricações entre ciência e política, fato e fantasia, história e ideologia. Quassim Cassam crê que elas são, antes de tudo, formas de propaganda política (2019, p. 7). Existiriam, assim, para promover o avanço de determinadas agendas ideológicas. Quando Carvalho aproxima a ciência da política e do conspiracionismo, ele desvela, provavelmente sem disso ter plena consciência, certa particularidade atual da noção de “ciência”: não existe neutralidade real, não existe ciência que se faça num céu platônico das ideias, livre de determinantes ideológicos ou projetos econômicos específicos. Mas se os cientistas não são necessariamente fontes confiáveis, dado que sua atividade se funda, conforme Carvalho, na “doxa” constituída pelo consenso das opiniões⁷, por que seria diferente com o singular conceito olavista de cientificidade? Ele talvez possa ser

⁷ <<https://www.youtube.com/watch?v=TjByhJliiak&t=760s>> Acesso em 16 jun 2023.

classificado como “ciência customizada”, ou seja, como “interpretações e apropriações idiossincráticas do conhecimento científico que, em diferentes graus, contrariam a autoridade de especialistas da ciência” (FULLER, 2018, p. 7). De fato, como observa Fuller, em um mundo da pós-verdade a ideia mesmo de “consenso científico” pode ser encarada com suspeita, fruto de um longo processo de secularização da sociedade, no qual a ciência é agora o *alvo* em vez de o *agente* desse processo. Essa ciência customizada, que acompanha o crescente interesse das pessoas comuns pelo tema numa cultura hiper-tecnológica, pode, por vezes, associar-se a especulações de ordem esotérica, gerando o que já foi denominado como “híbridos científicos ‘New Age’” (ibid., p. 109).

Não é casual, portanto, que Carvalho já tenha também abordado a ciência por esse ângulo promovendo a obra e o pensamento do polêmico físico e matemático Wolfgang Smith, que, a partir de uma posição tradicionalista inspirada em autores como René Guénon e Fritjoff Schuon, defende teses bastante controversas, como o design inteligente e o geocentrismo. Não será essa, portanto, a principal fonte das peculiares concepções científicas de Carvalho? Para o guru da nova direita brasileira, a modernidade científica “está encerrada, e não sobrevive a exames como esse que o professor Wolfgang Smith fez”⁸. Em sua apresentação do livro *O Enigma Quântico*, Carvalho toma o cuidado, porém, de diferenciar aquilo que separa o trabalho de Smith dos tradicionalistas acima mencionados. Afinal, enquanto Guénon e Schuon se fundamentaram principalmente no sufismo islâmico, Smith toma como base o bom e velho cristianismo que Carvalho agora afirma igualmente professar. Desse modo, ele também aproveita para continuar se distanciando do fato de que, como Guénon, participou de uma *tariqa* (organização esotérica muçulmana) nos anos 1980 – passado agora continuamente renegado. É um movimento bastante conveniente, dada a impopularidade do Islã no mundo ocidental do pós-11 de setembro. Parece que as crenças de Olavo de Carvalho são tão maleáveis quanto suas convicções filosóficas e

⁸ <<https://www.youtube.com/watch?v=BR7kfyuQwqY&t=59s>> Acesso em 15 jun 2023.

científicas. Tão maleáveis, de fato, que lhe permitem afirmar com tranquilidade teses inteiramente absurdas como as de que “ninguém sabe”, de fato, qual o formato da Terra⁹.

Thomas Strässle recorre à teoria da narratividade (*Erzähltheorie*) para tentar compreender filosoficamente a categoria da *fake*. Ao contrário do mero erro, o fake possui sempre uma *intencionalidade*, visa a determinado fim específico, independente se esse fim é efetivamente realizado ou não. A finalidade é da ordem da influência e da manipulação. “O *fake* é um interessante problema teórico-científico (*wissenstheoretisches Problem*). Seu cálculo repousa em um refinado jogo entre o saber e o não-saber” (2019, p. 40). Se o *fake* pressupõe sempre alguma medida de saber, ele também se dá em *oposição ao melhor saber*. Da parte do receptor, por sua vez, pressupõe-se igualmente algum saber, pelo menos um difuso amalgama entre suposições e suspeitas. Dá-se, assim, uma complexa dialética entre emissor e receptor, saber e não-saber. Exemplo talvez emblemático dessa dialética pode ser encontrado na polêmica afirmativa de Olavo de Carvalho sobre o uso de “células de fetos abortados como adoçante”¹⁰ pela Pepsi. Aqui existe, de fato, um fragmento de saber que joga com o não-saber do público. Culturas de células são realmente utilizadas em diversos campos da ciência, e a Pepsi chegou a contratar uma empresa que usou uma dessas culturas para testar diferentes substâncias como opções químicas de adoçamento de refrigerantes. Obviamente, não são as células do “feto abortado” que estão sendo usadas em bebidas gaseificadas como se elas pudessem ter a propriedade mágica de adocicá-las, mas sim adoçantes químicos *testados* em culturas derivadas *de um único feto* abortado. Desse modo, não faz nenhum sentido dizer que quem toma Pepsi é um “abortista terceirizado”, mas o sentido e o melhor saber são abolidos em função de certo efeito que se deseja produzir. A força do escândalo, a atmosfera conspiratória (órgãos do governo americano foram informados sobre isso e nada fizeram), a natureza espetacular e chocante da “informação” têm um valor afetivo que adquire primazia face ao critério de veracidade.

⁹ <<https://www.youtube.com/watch?v=16qd2lvhjSI>> Acesso em 15 jun 2023.

¹⁰ <<https://www.youtube.com/watch?v=7l4WmFjzDIs>> Acesso em 15 jun 2023.

Strässle também associa o *fake* ao tema da sugestão – antigo truque retórico, mas que também se exprime como fenômeno de múltiplas facetas, do hipnotismo ao magnetismo e o sonambulismo. Tal fenômeno, distendido entre os polos do *reflexo* e da *reflexão*, se manifesta quando o indivíduo dispõe, ao menos potencialmente, de possibilidades de escolha alternativas, mas não está em condições reais de efetivá-las, dado o relativo grau de inconsciência em que se encontra no estado de sugestionamento. Naturalmente, um dos fatores determinantes da sugestão repousa no grau de confiabilidade (*Vertrauenswürdigkeit*) do emissor da mensagem ou sua comunalidade linguística, social ou cultural com o receptor da mesma (ibid., p. 46). Em seu estudo sobre a potência e os limites da fascinação política, *Suggestione*, Andrea Cavelletti afirma:

O biopoder é, desde suas origens no século XVIII, magnético e sugestivo, o sistema securitário é desde sempre espetacular. E se o totalitarismo e o racismo modernos logo serão (como ensinou Foucault) exasperações e paroxismos do dispositivo biopolítico, o Estado totalitário e racista será não somente o mais protetor e o mais assassino, senão ao mesmo tempo o mais hipnótico e sugestivo. Por esta implicação biopolítica, porque a vida que o biopoder tomou a ser cargo é desde sempre fluido-magnética, o fascismo está contido na sugestão, assim como a sugestão autoritária é o resultado necessário e o fantasma nunca aplacado de todo Estado (2011, p. 53).

O desejo de ordem e controle embutido no conservadorismo reacionário de Olavo de Carvalho pode encontrar seu paroxismo em uma situação na qual “a realidade do cidadão coincide por inteiro com a realidade da lei”, como na Cidade Ideal dos anseios platônicos (PÍN, 1974, p. 15) ou então na zumbificação dos indivíduos cujos corpos e mentes abdicam de qualquer autonomia possível. Curiosamente, em uma de suas obras mais populares, Carvalho toca nesse tema na forma de denúncia da sedução dos discursos dos intelectuais de esquerda. Ao sair de uma palestra sobre Epicuro proferida pelo filósofo José Américo Motta Pessanha, Carvalho observa que a audiência se encontrava em estado de completo fascínio e admiração, mas sem ser capaz de oferecer qualquer noção consistente do tema que foi discutido. “Cada palavra [de Pessanha] parecia calculada para

desviar a atenção do ouvinte, impedi-lo de olhar o assunto de frente, fixá-lo num estado de apatetada passividade ante o fluxo de sugestões, hipnotizá-lo e arrastá-lo delicadamente pela argola do nariz” (2019, p. 26). Carvalho chega a comparar esse fascínio do público ao que acontecia com os ouvintes de Hitler, e ele mesmo se confessa afetado pela força hipnótica maligna: era necessário “verbalizar os conteúdos neuróticos que a magia de Pessanha injetara em meu cérebro” (ibid., p. 28). Mas não é esse, exatamente, o tipo de efeito que as palestras de Carvalho produzem em seu público? De fato, o que defino como “tática de inversão” parece constituir uma das estratégias fundamentais do arsenal de ferramentas olavistas. Atribui-se ao inimigo certo domínio de eficiência maligna – como o êxito na guerra cultural ou em técnicas de sugestão hipnóticas – que é merecedor de crítica, mas que também, paradoxalmente, passa a ser utilizado pelo crítico. Sempre ladeado pelos livros de sua vasta biblioteca, em um fluxo verbal constante e incisivo que deixa pouco espaço para a reflexão, confortavelmente instalado na figura do velho sábio oferecendo aos neófitos os saberes secretos dos iniciados, Carvalho construiu a perfeita imagem do guru espiritual por quem os conservadores ansiavam.

Essa imagem adquire tonalidades messiânicas, por exemplo, nos comentários que o público deixa no vídeo de necrológio preparado por seu canal oficial no Youtube: “minha vida iria continuar no escuro se não tivesse encontrado Olavo...”; “o mestre de todos nós”; “seu legado é que irá salvar o Brasil”; “através de seus ensinamentos eu pude salvar a alma de outras pessoas”; “Olavo é imortal”; “mestre dos mestres”; “Deus tem ao seu lado o melhor conselheiro”¹¹. Não admira, assim, que Carvalho possuísse capital simbólico inclusive para enredar o Papa, líder terreno da igreja católica, em tramas conspiratórias inverossímeis envolvendo um dos pânicos mais pregnantes do pensamento conservador: a ameaça globalista. Em uma entrevista que concedeu a Stefan Molyneux, conhecido defensor da supremacia branca no Canadá¹², Carvalho afirma que os comunistas começaram a se

¹¹ <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUyQoj9Majg>> Acesso em 12 jun 2023.

¹² <<https://www.youtube.com/watch?v=4qMSWITDUKc&t=2220s>> Acesso em 12 jun 2023.

infiltrar na igreja desde os anos 1930. Como fonte, ele cita a autobiografia da italiana Bella Dodd¹³, que afirmou ter recrutado 1.100 agentes com essa finalidade (em coerência com sua estratégia de espetacularização, Carvalho amplia o número para 3 mil). Segundo ele, existem inclusive boas razões para suspeitar que mesmo Francisco tenha sido posto no trono de Pedro por George Soros. Essa tomada da igreja por forças satânicas esquerdistas, complementa, é algo “too bad to be true, but it’s true”. A mitologia da agenda globalista é composta por um complexo tecido de narrativas e imagens associadas que, basicamente, pressupõe a existência de um governo mundial secreto, em atividade constante para criar um mundo sem diferenças. Donatela di Cesare a descreve como “o pesadelo de um mundo uniforme, sem fronteiras e sem limites, formatado pelos mesmos valores e mesmas normas, um mundo submetido à tutela única de um poder estranho e totalitário” (2022, p. 88). Aqui, comunistas, financistas bilionários (como Soros, um personagem recorrente das paranoias da direita), as instituições culturais e universitárias e mesmo a ciência se reúnem numa espécie de cabal dedicado à destruição sistemática dos valores tradicionais do Ocidente, da religião e da família.

Que conspirações inventadas ocupem lugar de destaque na problemática da desinformação não surpreende. A pesquisa sobre o tema, especialmente no campo da psicologia, demonstra que mesmo a crença em complôs que se contradizem mutuamente é possível e relativamente comum (VAN PROOIJEN & DOUGLAS, 2018, p. 898). A abolição ou suspensão de mecanismos lógicos facilita a assimilação de *fake news*, e as teorias conspiratórias constituem um perfeito *médium* para a agregação de diferentes fantasias num só pacote facilmente distribuível. Além disso, a crença em tais teorias tem *caráter consequencial*. Em outras palavras, não se trata de ilusões inofensivas, mas antes de atitudes que podem produzir efeitos danosos no mundo real. Por exemplo, pesquisas demonstram que teorias conspiratórias sobre o HIV na África impactaram na redução do uso de preservativos, gerando, conseqüentemente, mais infecções (VAN PROOIJEN &

¹³ Cf. Dodd (1963).

DOUGLAS, 2018, p. 899). Algo semelhante se passou no Brasil bolsonarista quando uma ideia equivocada de “imunidade de rebanho” foi confrontada com medidas de contenção da pandemia, como os *lockdowns* e o uso de máscaras. Bolsonaro chegou a afirmar, numa *live* na Internet, que contrair o vírus seria mais eficaz que se vacinar¹⁴. Olavo de Carvalho foi ainda mais longe, decretando que a “pandemia simplesmente não existe”. Segundo ele, não existiam casos confirmados de Coronavírus, e tudo não passou do “mais vasto caso de manipulação da opinião pública na história humana”¹⁵. Não é nada improvável que várias pessoas tenham incorporado essa crença a suas atitudes cotidianas e, assim, se contaminado com o vírus.

A estratégia da repetição, na qual a falsa informação é retomada em diferentes contextos, às vezes com pequenas modificações, também parece ter sido uma arma eficaz utilizada por Carvalho. Pesquisas já demonstraram, por exemplo, que a repetida leitura de manchetes com *fake news* aumenta sua veracidade percebida (Cf. EGELHOFER, 2022, p. 25). Nesse sentido, Olavo de Carvalho sempre atuou com uma singular *coerência na incoerência*. Se algumas de suas convicções centrais mudaram radicalmente ao longo do tempo (como sua visão sobre René Guénon e o tradicionalismo), o mesmo não se deu com relação ao seu gosto por teorias conspiratórias, os discursos sobre guerra cultural e seu apelo ao comunismo como inimigo onipresente. Desde pelo menos *A Nova Era e a revolução cultural*, lançado originalmente em 1994, Carvalho desfiava teses conspiracionistas sobre o Fórum Social Mundial de Porto Alegre e acomodava figuras tão radicalmente diferentes como Antonio Gramsci e Fritjof Capra num mesmo conluio em favor de uma perigosa “revolução cultural”. “Se o nosso é o século do Marxismo”, escreveu ele, “é também o da hipnose, o das técnicas de influência subliminar, o da lavagem cerebral, o da ‘modificação do comportamento’ e o da Programação Neurolingüística” (2014, p. 95). Temas que Carvalho certamente conhecia muito bem. É intrigante que, em seu livro de 1986 sobre o

¹⁴ <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/17/bolsonaro-diz-que-contaminacao-e-mais-eficaz-que-vacina-estrategia-pode-levar-a-morte-diz-sanitarista.ghtml>> Acesso em 12 jun 2023.

¹⁵ <<https://www.youtube.com/watch?v=n00zVCEYLd8&t=37s>> Acesso em 13 jun 2023.

Tradicionalismo, Carvalho critique tão veementemente o “lixo informático” da cultura contemporânea que atrapalha a concentração, “condição indispensável da prece e de outras práticas espirituais”, bem como o falatório, “gracejos bobos e trocadilhos que excitam os automatismos mais baixos da mente inferior” (1986, p. 68-69). Afinal, passados agora quase 40 anos, o filósofo sobrevive na imaginação de seus admiradores precisamente graças tanto a esse “lixo informático”, que se tornou sua grande plataforma de atuação, quanto aos gracejos e trocadilhos que devotava constantemente aos inimigos¹⁶.

Pode-se debater, evidentemente, se Olavo de Carvalho tinha plena consciência de estar criando um aparato de desinformação. Essa pergunta, porém, é secundária face à sua percepção de que a “guerra cultural” deveria ser travada no plano do imaginário. Foi essa percepção, expressa num de seus vídeos sobre o tema, que lhe ofereceu um fundamento epistêmico sólido para construir sua trajetória como influenciador da nova direita. Nem ideologia, nem crença, mas sim a imaginação, defende ele, é o pano de fundo no qual se desenrola a batalha. A literatura, o cinema, a potência das imagens são ferramentas de estruturação do imaginário. “A imagem que as pessoas fazem da realidade é determinada maciçamente pela ficção e não pela informação”, afirma ele. E completa:

Em face disto, o poder das discussões ideológicas é quase nulo, porque você está tentando falar com a consciência intelectual, ao passo que toda a imaginação dela já está moldada em sentido contrário, e ela não vai poder abdicar dessa imaginação, mesmo que você a convença – “Ah, mas você demonstrou assim e assim, mas eu continuo vendo da outra maneira” Estão entendendo como é que faz guerra cultural? Não é com propaganda ideológica, não é com doutrinação, é com o trabalho da imaginação. O poder da imaginação sobre o ser humano é tal que a imaginação domina a vontade em 100%, você só pode querer aquilo que você imagina¹⁷.

¹⁶ Por exemplo, o apodo de “Kim Katapiroka” para o político conservador Kim Kataguirí ou “Clóvis de Burros” para o *coach* Clóvis de Barros. Ver <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-05-23/olavo-faz-trocadilho-com-nome-de-kim-que-rebate-precisa-trocar-as-fraldas.html>> e <<https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2017/10/27/os-apelidos-dos-detratores/>> Acesso em 13 jun 2023.

¹⁷ <<https://www.youtube.com/watch?v=3cvhfY0YLZM>> Acesso em 15 jun 2023.

Em outras palavras, Carvalho percebia claramente o poder da ficção, o papel do imaginário e dos afetos nas tomadas de decisões, inclusive políticas. Nesse quesito, de fato, “Olavo tem razão”, como costumavam dizer seus seguidores. Pode-se, assim, imaginar que o “guru de Bolsonaro”¹⁸ executava um programa político altamente eficaz. No contexto de uma cultura profundamente midiaticizada, como alertou Chiara Bottici, “o papel das imagens na política contemporânea é tamanho que elas já não simplesmente mediam nossos afazeres políticos, mas corre-se o risco de que façam política em nosso lugar” (2014, p. 11). Somos seres imagináveis, afirma a autora, e o imaginário é, ele próprio, constitutivo da realidade. Isso significa, fundamentalmente, duas coisas: primeiro, que a política é um campo de disputas simbólicas, de expressão de afetos e de atuação do imaginário; segundo, que as noções do verdadeiro e do falso sofreram impactos profundamente transformadores que ainda estamos tentando entender. Não é simples discutir o estatuto da informação num contexto em que as aparentes seguranças do passado se desfizeram e no qual os instrumentos epistemológicos para a determinação do factual necessitam ser radicalmente repensados. Mas essa é, talvez, a tarefa histórica que teremos de realizar nos anos por vir, e que, aliás, exigirá boas doses de imaginação.

Referências bibliográficas

BOTTICI, Chiara. *Imaginal politics: images beyond imagination and the imaginary*. New York: Columbia University Press, 2014.

BRUNO, Fernanda & ROQUE, Tatiana. “A ponta de um iceberg de desconfiança”. In: BARBOSA, Marialva (org.). *Pós-Verdade e fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute*. New York: The Free Press, 1977.

BURGIERMAN, Denis Russo. O artista da ofensa. *Revista Época*, São Paulo, n. 1080, p. 48-80, mar. 2019.

¹⁸ <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60139060>> Acesso em 15 jun 2023.

CARVALHO, Olavo de. *Fronteiras da Tradição*. São Paulo: Nova Stella, 1986.

_____. *A Nova Era e a revolução cultural*: Frijof Capra e Antonio Gramsci. Campinas: Vide Editorial, 2014.

_____. *Inteligência e verdade*: ensaios de filosofia. Campinas: Vide Editorial, 2021.

_____. *O Jardim das aflições* - de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o materialismo e a religião civil. Campinas: Vide Editorial, 2019.

CASSAM, Quassim. *Conspiracy Theories*. Cambridge: Polity, 2019.

CAVELLETTI, Andrea. *Suggestione*: potenza e limite del fascino politico. Torino: Bollati Boringhieri, 2011.

CESARINO, Leticia. *O mundo do avesso*: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.

CHENEY, Margaret. *Tesla, man out of time*. New York: Barnes & Noble, 1993.

DI CESARE, Donatela. *O complô no poder*. Belo Horizonte: Ayné, 2022.

DODD, Bella V. *School of darkness*. New York: Devin-Adair, 1963.

EGELHOFER, Jana Laura. "Fake News – zwischen Desinformation und Medienkritik". In: BENDHEIM, Amelie & PAVLIK, Jennifer (orgs.). *'Fake News' in Literatur und Medien*: Fakten und Fiktionen im interdisziplinären Diskurs. Bielefeld: Transcript, 2022.

FELINTO, Erick & GRUSIN, Richard. Gore mediation and the bromance of Jair Bolsonaro and Donald Trump. *Intermedialités*, Montréal, n. 37/38, p. 1-38, abr. 2022a.

FELINTO, Erick. "Olavo tem razão": Olavo de Carvalho, esoterismo e os mitos conspiratórios do imaginário político neoconservador. In: MARTONI, Alex; ARRAES, Marcos; Oliveira, Victor. *Assombros da história*: memória, técnica, política. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022b.

FULLER, Steve. *Post-Truth*: knowledge as a power game. London: Anthem Press, 2018.

FRANÇOIS, Stéphane. *La nouvelle droite et ses dissidences*: identité, écologie et paganisme. Lormont: Le Bord de L'Eau, 2021.

KLEINBERG, Ethan. "História e o Presente". In: MARTONI, Alex; ARRAES, Marcos; Oliveira, Victor. *Assombros da história*: memória, técnica, política. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

PÍN, Víctor Gómez. *El drama de la ciudad ideal*: el nacimiento de Hegel em Platón. Madrid: Taurus, 1974.

RUYTER, Robin de. *The 13 Satanic Bloodlines: paving the road to Hell*. Amsterdam: Mayra Publications, 2018.

SEDGWICK, Mark. *Against the modern world: Traditionalism and the secret intellectual history of the twentieth century*. Oxford: Oxford University Press, 2004

STRÄSSLE, Thomas. *Fake und Fiktion: Über die Erfindung von Wahrheit*. München: Carl Hanser, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin. *War for eternity: inside Bannon's far-right circle of global power brokers*. New York: Harper Collins, 2020.

VAN PROOIJEN, Jan-Willem & DOUGLAS, Karen M. Belief in conspiracy theories: basic principles of an emerging research domain. **European Journal of Social Psychology**, New York, n. 48, p. 897-908 Jul. 2018.

Erick Felinto – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

É pesquisador do CNPq e Professor Titular da UERJ, onde realiza pesquisas sobre cinema, cibercultura e política. Foi professor visitante na Universität der Künste Berlin e na NYU. É autor dos livros *A Religião das Máquinas: Ensaio sobre o Imaginário da Cibercultura* (Sulina), *O Explorador de Abismos: Vilém Flusser e o Pós-Humanismo* (Paulus) e *A Imagem Espectral: Comunicação, Cinema e Fantasmagoria Tecnológica* (Ateliê Editorial), entre outros.

Email: erickfelinto@gmail.com